

REVIEWS
RESENHAS

UMA QUESTÃO SINTETICAMENTE ESVAZIADA

Dorothee de Bruchard (UFSC)

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo, Brasiliense, 1986 (Primeiros Passos/166)

Para uma ampla pergunta - o que é tradução? — Geir Campos oferece aqui uma resposta genérica, falando um pouco de tudo a respeito do assunto, começando pela definição que os dicionários dão da palavra tradução e concluindo com um capítulo informativo sobre a Associação Brasileira de Tradutores — ABRATES (da qual já foi presidente). Assim, a obra reúne curiosidades acerca da história do traduzir, esquemas sobre modos de fazê-lo acompanhados do devido jargão (do tipo: tradução literal, modulação, etc, considerações pessoais e alheias a respeito desta arte-ciência, reflexões sobre o estatuto profissional — inexistente — do tradutor e até mesmo algumas "dicas", autorizadas pela longa convivência prática e teórica do autor com o assunto.

Realmente, a resposta à "pergunta" — título é abrangente. E, salvo no que toca à exemplificação, por vezes repetida (caso das peças de Shakespeare citadas no 2º e 12º capítulos de forma quase idêntica), outras vezes escassa, e na maioria em inglês, pode-se dizer que *O que é tradução* faz uma abordagem completa, fala de **tudo**

ILHA DO DESTERRO, Nº 17, 1º semestre de 1987. pp.108-110

um pouco. Mas talvez justamente neste pouco se situe a raiz de um certo mal-estar resultante de sua leitura. Mal-estar de quem leu e não lembra do que leu, de quem buscava uma resposta e ficou só com um aceno, lembrando um pouco o estilo do Jornal Nacional — tudo muito ligeiro, conciso, uma informação por parágrafo. E desta resposta frustrada vão surgindo novas perguntas, dentre elas:

. A quem se destina o livro?

. E a quem?

Pois se em todo campo de atividade humana a teoria é sempre a reflexão que segue uma prática, isto se torna ainda mais evidente quando se lida com tradução: um "manual do tradutor" é algo tão positivamente impossível quanto uma obra que esgote a discussão — e seus maiores teóricos limitam-se a tecer a respeito considerações a posteriori, ou seja, a abstração só poderá originar-se do concreto.

E isto, O que é tradução não faz: noções teóricas, reflexões, são lançadas por si próprias, exemplificadas pela prática mas não fundamentadas nela.

Ora, supõe-se que um livro publicado, sobretudo o de não-ficção, esteja colocado à disposição do leitor que nele irá buscar, em resposta a perguntas que o inquietem, aquilo que outros pesquisaram e buscaram antes dele. No caso da tradução, o leitor será alguém que, por mil motivos e motivações, traduza ou queira traduzir, ou algum interessado por seu aspecto teórico. No entanto, a nenhum deles O que é tradução atinge satisfatoriamente.

Falta, para o já tradutor, a troca de vivência prática. Ele poderá, quando muito, conceituar alguns de seus procedimentos e sentir-se acompanhado no descaso pelo seu trabalho por parte do sistema editorial. E para o mero interessado falta o aprofundamento daquilo que foi exposto. Por exemplo, quando o autor faz, no 7º capítulo, uma longa explanação sobre empréstimos lingüísticos e estrangeirismos (cuja extensão desta estranhamente das rápidas pinçeladas que são dominantes no livro). Sabe-se que estes fenômenos situam-se num âmbito bem mais complexo e permanece a exigência de um maior estudo deste aspecto específico.

Parece então que os leitores não de ser fatalmente os estudan-

tes de letras, nessas nossas universidades cujos professores são aficionados por "fichamentos" de livros esquemáticos.

E não é o autor, pressionado pelos limites — tão estreitos! de espaço e de tempo que lhe são impostos, que se trata de questionar aqui — a não ser, talvez, pelo fato de ter aceito estas condições para a publicação de um tema que lhe é caro.

O que fica pouco aceitável é a própria existência e ampla circulação destas coleções aspirantes a enciclopédia, que abrangem todo tipo de questões e áreas do conhecimento, trazendo a público esta apelativa avalanche de títulos que, salvo raras exceções, apenas dão ao que lê a ilusão de estar bem informado. Pois mesmo que oficialmente não pretendam esgotar o assunto tratado, estes livros, a pretexto de despertarem o interesse por ele, podem ser, na prática, uma solução fácil e cômoda que simplesmente interrompa a consulta (sempre mais difícil e dolorosa) de obras mais especializadas e enriquecedoras.

Pergunta-se se a forma como vem proliferando no Brasil esta espécie de publicação (e não a das traduções das obras estrangeiras citadas na consistente bibliografia de Geir Campos) não vem apenas, lamentavelmente, confirmar uma vez ainda o quanto a corrida consumista tem pervertido certas relações primárias. Ou seja: aquela pergunta que o leitor deveria formular a si mesmo antes de procurar a resposta (no caso: O que é tradução?) já lhe é dada em forma de resposta, a partir de um pretencioso título afirmativo-declarativo. E a busca do leitor pelo livro transformou-se decididamente num apelo sistemático do editor ao leitor, apelo sofrido especialmente pelo público universitário, numa época em que é tão veemente a exigência por uma educação mais digna.